

## OS IMPACTOS DO RACISMO RELIGIOSO NA PROMOÇÃO DE SAÚDE DE FREQUENTADORES DE TERREIROS

**KIARA TEIXEIRA PINHEIRO<sup>1</sup>; ADRIZE RUTZ PORTO<sup>2</sup>; HELENA DOS SANTOS CARDOSO<sup>3</sup>; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA<sup>4</sup>; MARINA SOARES MOTA<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – adrizeporto@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – helenasantosc1234@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – iria\_oliv@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O terreiro é compreendido como o espaço sagrado de concentração e emanação de àse - energia sagrada que fundamenta a vida - de preservação e materialização da memória ancestral das religiões de matriz africana (CALVO, 2019). Isso ocorre por meio da continuidade da transmissão das tradições, valores e costumes dentro do território do terreiro.

Ademais, a transmissão desses saberes e a prática de rituais religiosos dentro desse espaço fortalecem vínculos comunitários, valorizam a ancestralidade e promovem o equilíbrio físico, emocional e espiritual, contribuindo assim para a saúde de seus frequentadores. O terreiro configura-se como um espaço social fundamental na promoção da saúde, ao integrar práticas de cuidado que vão além das esferas puramente biomédicas, articulando vivências religiosas, saberes ancestrais e acolhimento comunitário como formas que contribuem à melhoria da saúde integral dos seus frequentadores (SANTANA, 2022).

Entretanto, destaca-se que a existência e a perpetuação do racismo religioso frente às religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé, dificulta e impede a promoção de saúde dos frequentadores desse espaço, interferindo, assim, na qualidade de vida dessas pessoas. O racismo religioso dificulta a oferta universal e integral do cuidado em saúde, na medida em que cria barreiras de acesso e promove desigualdades no tratamento, ainda que de forma nem sempre explícita (MACÊDO, 2025).

Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir o modo como o racismo religioso interfere na vida e, principalmente, na promoção de saúde dos frequentadores do espaço do terreiro.

### 2. METODOLOGIA

Esse trabalho é um recorte de um estudo qualitativo do tipo descritivo exploratório, acerca dos terreiros como territórios promotores de saúde de seus frequentadores, no qual participaram dezessete frequentadores de terreiros da Religião de Matriz Africana, de qualquer vertente/linha, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Para seleção dos participantes utilizou-se a técnica “bola de neve”, onde um participante “semente” deu início ao ponto de partida para expansão da amostra. As entrevistas foram realizadas por meio de um instrumento semiestruturado aplicado individualmente de forma presencial ou online e a análise de dados foi realizada utilizando o método de Bardin. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, com o número de protocolo 72070123.1.0000.5317.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa que fundamenta a construção deste trabalho encontra-se em andamento. Em sua etapa inicial, foram realizadas nove coletas de dados com frequentadores de um mesmo terreiro da cidade de Pelotas/RS, cujas análises resultaram na identificação de duas categorias principais: Território do Terreiro e Saúde. Atualmente, o estudo avança para a fase de análise das entrevistas restantes já coletadas, com frequentadores de diferentes terreiros da mesma cidade já citada, possibilitando a ampliação da compreensão acerca do terreiro como espaço promotor de saúde de seus frequentadores. Nesse contexto, o presente trabalho surge a partir do aprofundamento da nova análise prévia, que revelou uma nova categoria emergente, Racismo Religioso, tema central da presente discussão.

O processo de colonização ocorrido durante o século XIX nas Américas não se configurou apenas como uma violência física sobre os povos escravizados, mas também como uma violência moral, capaz de desestruturar identidades, tradições e práticas culturais por meio do desrespeito e da tentativa de apagamento da identidade dos povos de matriz africana. Nesse sentido, a dinâmica do corpo negro, especialmente, no Brasil, ocorre em territórios que buscam resgatar a ancestralidade africana em novas terras, destacando-se o terreiro como um espaço onde circula a experiência dos indivíduos, tanto no plano visível quanto no invisível (DANTAS, 2022).

Nesse sentido, o terreiro é compreendido não só por meio da perspectiva religiosa, mas também identitária e ancestral, atuando como um território de cuidado coletivo, promovendo o bem-estar físico, emocional e social de seus frequentadores ao integrar práticas culturais, rituais, convivência comunitária e acolhimento, contribuindo significativamente para a manutenção da saúde integral de seus frequentadores.

Todavia, assim como em outros aspectos da vida da população negra, as religiões de matriz africana e, especialmente, o espaço do terreiro, não estão imunes às diversas apresentações do racismo no Brasil. Além do racismo estrutural e institucional que afeta a população negra em diferentes esferas da vida social, a prática ancestral no espaço do terreiro também sofre impactos específicos do racismo religioso, que se manifesta na deslegitimização de seus rituais, na violação de seus espaços sagrados e na estigmatização de seus praticantes. O que limita a liberdade religiosa e interfere na promoção da saúde integral de seus frequentadores ao comprometer suas práticas, a preservação da sua identidade cultural e o resgate da sua ancestralidade.

Nesse sentido, participantes da pesquisa trouxeram falas a partir de suas vivências que tornam explícito o impacto do racismo religioso na promoção da saúde por meio do relato da dificuldade enfrentada em utilizar seus símbolos religiosos de proteção, como as guias, em espaços públicos e institucionais, como no ambiente hospitalar. Ademais, nos espaços públicos de saúde, é recorrente a presença de símbolos e objetos religiosos de matriz cristã ocidental, enquanto religiões de matriz afro-brasileira permanecem sub-representadas (MACÊDO, 2025).

Outrossim, os participantes da pesquisa citam também a ausência de reconhecimento frente aos preceitos religiosos, especialmente em seus ambientes de trabalho, tendo em vista que são desrespeitados e o exercício dessas obrigações traz prejuízo institucionais aos seus praticantes,

diferentemente das experiências vivenciadas por praticantes de religiões com origens diferentes. Dentro dessa mesma perspectiva, também se destacam as violências institucionais manifestadas por intervenções policiais abusivas, como invasões de terreiros durante rituais sem mandado ou justificativa legal, evidenciando um tratamento desigual em relação a outras tradições religiosas e reforçando a naturalização de ações discriminatórias frente às religiões de matriz africana.

Historicamente, a criminalização das práticas religiosas de matriz africana foi utilizada como estratégia de controle social, associando-as a feitiçaria, crime e desordem, o que legitimava ações policiais violentas contra seus espaços e frequentadores (JUNIOR, 2024). Nessa lógica, percebe-se que o Estado permanece utilizando o poder como ferramenta de controle, uma vez que os terreiros ainda sofrem invasões, estigmatização e desrespeito institucional, evidenciando a permanência do racismo religioso na atualidade.

Ainda nesse sentido, mesmo diante da existência de legislações que asseguram direitos aos povos tradicionais de matriz africana, como o direito à liberdade religiosa, o resguardo de atestado em períodos de guarda religiosa e os dispositivos legais que visam coibir a intolerância e o racismo religioso, tais garantias seguem sendo sistematicamente violadas. A Cartilha de Direitos dos Povos Tradicionais de Matriz Africana reforça que esses direitos estão assegurados em lei, entretanto, o racismo institucional ainda se manifesta na não efetivação dessas conquistas, perpetuando violências contra essa população (BRASIL, 2023).

Cabe destacar ainda que há uma diferenciação em relação a intolerância religiosa, a qual se refere a práticas de desrespeito, hostilidade e rejeição a diferentes crenças, em comparação ao racismo religioso, o qual associa, diretamente, a perseguição à dimensão racial, atingindo de forma mais intensa a população negra que expressa seu àse por meio das tradições de matriz africana. Dessa forma, percebe-se que o racismo religioso impacta diretamente a saúde dos frequentadores de terreiros, ao negar, discriminar e violentar as práticas de cuidado, espiritualidade e identidade das religiões de matriz africana, provocando sofrimento e comprometendo o bem-estar físico, emocional e social de seus praticantes.

#### 4. CONCLUSÕES

Desse modo, esse trabalho torna explícito como as diferentes formas de racismo religioso interferem na promoção de saúde dos frequentadores do terreiro na medida em que reconhece esse espaço como território promotor de saúde e identifica as diferentes formas de violência enfrentadas pelos participantes da pesquisa dentro e fora desses espaços. Tornando evidente a necessidade do reconhecimento do terreiro como espaço promotor de saúde e cuidado de seus frequentadores, por meio da implementação e efetivação de políticas públicas que assegurem a liberdade religiosa, da formação antirracista de profissionais, principalmente, da área da saúde e da educação, e da proteção efetiva do direito à prática religiosa nos diferentes ambientes públicos e institucionais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BRASIL. Cartilha de Direitos dos Povos Tradicionais de Matriz Africana.**  
Fundação Cultural Palmares, Brasília, 2023. Acessado em: 22 ago. 2025.  
Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/mídias/arquivos/cartilha-12.pdf>.

CALVO, D. O terreiro de candomblé como espaço de construção do sagrado e de materialização da memória ancestral. **Revista REVER**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 100–112, jul./dez. 2019.

DANTAS, L. T. F.. Filosofias em diáspora: epistemologias de terreiro e transformações do eu. **Trans/Form/Ação**, v. 45, n. spe, p. 169–184, 2022.

JUNIOR, J. J. A. “Deixe em paz meu terreiro de Candomblé: a luta pela libertação do nosso sagrado”. **Revista Juridicidade Constitucional e Democracia**, v. 2, n. 3, P. 122-139, jun. 2024.

MACÊDO, M. A. **Cuidados em saúde pública para povos de comunidades tradicionais de terreiro de candomblé: atravessamentos sensíveis e resistências ao racismo religioso**. 2025. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco.

SANTANA, M. A. S. **Epistemologias de terreiro: o lugar-terreiro como promoção de saúde**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).